



Cadernos do *Sociofilo*

Segundo Caderno (2012) - Nanosociologia

Introdução

Frédéric Vandenberghe

e

Thiago Panica Pontes

Esta segunda edição dos *Cadernos do Sociofilo* é dedicada à microsociologia. Nós a chamamos 'nanosociologia' por duas razões: primeiro, por estarmos cansados da já banalizada história envolvendo as relações entre agência e estrutura e desejarmos contornar por completo todo o debate acerca do *micro-macro linkage*; segundo, pelo fato de o termo micro não se referir a um domínio da existência social, e sim a um olhar, uma determinada maneira de perscrutar as minúcias da vida social vi-

sando descobrir como os atores habilmente a viabilizam. Não existe razão pela qual o microscópio sociológico deva se deter no nível molecular e não explorar o infinita ou infinitesimalmente pequeno. A sociedade é em última instância constituída de indivíduos, mas como nos diz Gabriel Tarde em seu *Monadologia e Sociologia*, os últimos elementos alcançados pela ciência são eles mesmos complexos e compostos.¹ E se alguém não desejar focar indivíduos, porém como pragmatistas, interacionistas simbólicos e etnometodólogos optar por investigar situações de ação, porque não levar a empreitada às últimas consequências e investigar curtas seqüências de ação que poderiam variar de algumas horas para alguns minutos ou mesmo segundos, como Eduardo Nazareth - em uma das contribuições neste segundo caderno - demonstrou com brilhantismo em sua detalhada análise etnofenomenológica do drible?

Atualmente se incrustou nas introduções à sociologia uma apresentação da história recente da disciplina em termos da antinomia entre agência e estrutura ou ação e ordem - como se os sociólogos houvessem de esperar por Jeffrey Alexander, Pierre Bourdieu ou Tony Giddens para, então, procurarem por uma teoria dialética das práticas que resolvesse o enigma. Esta história canônica não é somente infrutífera e repetitiva; é sobretudo delusória. Quem quer que considere a 'microrevolução' californiana dos anos 1960 sem os antolhos do debate agência-estrutura não deixará de observar que Goffman, Garfinkel e Harvey Sacks, os campeões da análise situacional, eram obcecados com a questão da ordem. Para eles, o desafio consistia em demonstrar a natureza ordenada da vida cotidiana. Esperar por um ônibus, dirigir em uma auto-estrada, se portar como os playboys do posto 8, observar por um microscópio, todas essas atividades comuns são ordenadas, quer dizer previsíveis, testemunháveis, relatáveis enquanto atividades orquestradas em

¹ Tarde, G. (1999): "*Monadologie et sociologie*", *Oeuvres de Gabriel Tarde*, vol. 1, p. 36. Paris: Les empêcheurs de penser en rond.

Cadernos do Sociofilo

situações concretas. Da mesma forma, eles não opunham agência e estrutura, encontrando antes 'estrutura' em todos os níveis da sociedade e, particularmente, no nível 'nano' da ação.

Com efeito, ao invés de opor agência e estrutura, se poderia igualmente opor ação à prática e assim distinguir entre várias microsociologias conforme elas enfoquem o ator de dentro ou de fora, à medida que elas adotem a perspectiva em primeira pessoa do participante ou a perspectiva de terceira pessoa do observador, ou ainda que elas tentem interpretar o comportamento social ou simplesmente descrevê-los. Enquanto a sociologia da ação é uma sociologia interpretativa que pode legitimamente reivindicar sua origem nas páginas iniciais de *Economia e Sociedade*², a sociologia da prática é uma sociologia descritiva que encontra sua inspiração central não em Weber, tampouco em Marx, mas em Durkheim.

Oriundos da fenomenologia e do pragmatismo, os autores mencionados leram criativamente Durkheim (ou o 'des'entenderam, como o Garfinkel tardio instruía seus orientandos) projetando sua análise estruturalista dos fatos sociais para o nível micro. Entre uma sociologia fenomenológica da ação que investiga as motivações, significados e tipificações dos atores e enfatiza a intencionalidade e a reflexividade de um lado e, por outro, uma sociologia micro-estruturalista das práticas que descreve seqüências ordenadas de ações situadas por agentes anônimos que rotineiramente fazem o que fazem sem muita reflexão, se encontra a sociologia da interação que analisa como os atores definem as situações em que estão inseridos de modo a coordenar suas ações com outros agentes na mesma situação. Esta sociologia interacionista da ação, a qual remonta a Georg Simmel, Marcel Mauss ou G. H. Mead pode seguir ambos os caminhos. Quando ela acentua a conexão entre agên-

² Paragr. 1. "Sociologia designará: uma ciência que visa compreender, interpretando-a, a ação social e, deste modo, explicá-la causalmente no seu decurso e nos seus efeitos" (WG I,3).

cia e cultura e concebe a linguagem como o meio simbólico que possibilita a Ego e Alter coordenarem suas ações e agirem juntos, se coaduna à teoria fenomenológico-hermenêutica da ação de Weber, Schütz e Parsons. No entanto, quando ela enfoca mais a situação da ação do que os atores propriamente ditos para analisar como os agentes sociais se deparam com injunções situacionais formando um microsistema que condiciona rigorosamente suas práticas, ela se associa à teoria das práticas de Goffman, Garfinkel e Wittgenstein.

Os artigos subseqüentes são escritos por jovens autores que foram inspirados por, ou senão identificados com, os trabalhos de Schütz, Goffman, Garfinkel ou, mais próximos de nós, Luc Boltanski, Bruno Latour, Bernard Lahire ou Randall Collins. O artigo de abertura de Eduardo Nazareth é definitivamente o mais 'nano'. Seu "O drible, uma experiência fenomenal" consiste em uma tentativa de "compreensão fenomenológica do drible" em esportes coletivos - neste caso especialmente o futebol - se bem que as influências pragmatista e interacionista se façam presentes em toda sua descrição. A corrente experiencial dos jogadores envolvidos nesta *inter-ação* é enquadrada pelas suas ações e reações antecipatórias as quais, se inscrevendo intersubjetivamente em um "tempo imanente comum", nos sugerem uma teoria dos jogos *in actu* em que atacante e defensor, face à face, corpo à corpo, se deparam enquanto feixes de possibilidades em interdependência. A ambigüidade e a dissimulação são constitutivas deste fluxo de ação, e por meio de sua hábil manipulação, com toda *bona fides* e conforme as regras do jogo, o atacante joga corporalmente com as possibilidades em aberto por meio de uma indeterminação intencionalmente provocada, e da qual o defensor visa discernir a cada momento as reais intenções, elas mesmas cambiantes no movimento coordenado, ao mesmo tempo em que intenta fechar ou limitar esta gama de potencialidades. Assim, não é somente o corpo do atacante o alvo do defensor, mas seu próprio "espaço manipulató-

Cadernos do Sociofilo

rio” cuja indeterminação é precisamente o que possibilita o desfecho do dribble. Se são os atos de consciência intersubjetivamente coordenados de jogadores existencialmente imersos e corporalmente tensionados por completo na prática esportiva os responsáveis por construir a unidade deste conjunto móvel de interação, inclusive seu caráter agonisticamente harmônico e rítmico, com ressonâncias estéticas, esta sintonia se dá pela oposição estruturante de suas intenções e somos levados a observar por Eduardo Nazareth, em escala ‘nano’, como a contradição pode ser constitutiva da realidade, neste caso da *ordem* do jogo.

Já no artigo subsequente, com Eleandro Cavalcante, passamos da experiência fenomênica dos jogadores à experiência musical, ou melhor à tentativa de trabalhar sociologicamente a questão do papel da obra de arte na vida social. “Algumas contribuições teóricas de Antoine Hennion para a sociologia da música” mobiliza a ‘sociologia musical’ deste autor, o qual é inspirado na *actor-network-theory* de Bruno Latour, para a compreensão do papel da música como co-formadora da identidade dos agentes sociais que a praticam ou estejam de alguma forma envolvidos sob sua influência. Se, segundo Cavalcante, as sociologias de P. Bourdieu ou ainda a de H. Becker, cada uma a seu modo, privilegiam a música unilateralmente como construção social (seja pelo *campo* ou pelo *mundo da arte*), a sociologia que o inspira busca dar conta de como a experiência musical e seus efeitos são, elas mesmas, compositoras dos autores que a compõem ou mesmo da experiência dos que a vivem. A música, enquanto mediação, não é somente performance mas performativa da própria experiência da qual se constitui. A relação aqui não é causal na medida em que, sob a influência da filosofia pós-estruturalista de G. Deleuze adotada por Latour e Hennion, a conexão entre estes eventos (atores, instrumentos, notas, palco, público, recursos, Cd’s, etc.) é rizomática, não tendo começo, fim ou transcendência. O objetivo,

para usar uma imagem, não é investigar como Mozart compõe suas melodias, porém como a experiência musical faz Mozart.

Por sua vez, no próximo artigo, Rodrigo Cantu, embora mobilizando criativamente a mesma *actor-network-theory* (desta vez com Latour e Callon), temperada com a sociologia pragmática com Boltanski e Lemieux, tem como foco a performatividade dos dispositivos sociotécnicos na autonomização do mercado financeiro (máquinas de cotação, computadores) ou ainda na intensificação ao mesmo tempo prática e conformadora de sua lógica (a securitização, as agências de classificação de risco, os derivativos). Estes dispositivos, longe de serem somente produtos do capitalismo, possibilitam a “coordenação” dos atores financeiros e a “purificação” do mercado da abstração em direção à prática, desencarnado-o da intervenção dos homens e sobretudo da política (poderíamos nos referir aos ‘humores’ do mercado tão propalados pelos meios de comunicação). E é sobretudo nas crises do capitalismo, como a financeira de 2008 e seus prolongamentos (in)diretos até a atualidade, que esta autonomização mediada pelos dispositivos mencionados tem sua legitimidade questionada. Trata-se precisamente dos momentos críticos em que testemunha-se de forma privilegiada os constrangimentos de justificação que os atores financeiros passam a ser submetidos, tão mais intensamente à proporção que os efeitos da crise transbordam suas mais ou menos habituais controvérsias entre especialistas, ainda que segundo Cantu o imperativo de justificação engendrado pela crise recente tenha sido pontual e aquém do que inicialmente se poderia supor. Assim, com as ferramentas conceituais da microsociologia, seu artigo “Coloque no contexto humano: sociologia da crítica às finanças em tempos de crise” não deixa de – como seu título sugere – abordar a recorrente tentativa humana de retomar as rédeas de seus dispositivos e instrumentos que, uma vez autonomizados, assombram continuamente a vida cotidiana de homens e mulheres comuns.

Cadernos do Sociofilo

Momentos críticos, reflexividade e capitalismo contemporâneo. Ainda nesta temática, mas passando da ênfase na (relativa) crise de legitimidade de autonomização do mercado financeiro para a investigação de como a lógica da atual configuração do capitalismo confere um sentido moralmente ancorado a vida profissional de seus agentes e operadores típicos, seus anseios e sofrimentos pessoais, temos o artigo de Thays Mossi “Os quadros superiores de TI e a dimensão moral do seu trabalho”. Seu objeto são os “quadros superiores de TI” (tecnologia da informação), *locus* de observação das modalidades de justificação desta configuração recente do capitalismo. Se a rigidez, a centralização e a hierarquia (com sua verticalizada divisão do trabalho em atividades de planejamento e execução), passam a ser características intimamente associadas à crise do capitalismo keynesiano-fordista a partir dos anos 1970, conseqüentemente minando sua credibilidade em termos de eficiência e produtividade, seria a modalidade de justificação hegemônica do capitalismo contemporâneo, i.e. seu novo paradigma moral vinculado à figura do *manager*, flexível, polivalente, disposto a correr riscos, criador de (e adaptável a) redes intra e interempresariais horizontais, enfim, sua justificação “por projetos”, suficiente para conferir sentido à vida profissional de seus quadros profissionais? A pesquisa de Mossi demonstra que os profissionais da TI alternam entre expectativas derivadas ambígua e alternadamente das lógicas industrial (estabilidade, segurança no emprego, rotina, produtividade) e por projetos (o sentimento de “aventura” e autonomia, a criatividade, a delegação baseada na “confiança”), justamente pelas inseguranças existenciais derivadas desta última, gerando a impossibilidade de planejamento da vida pessoal a longo prazo e da construção de suportes sólidos. Na verdade, ao relatar a frustração, o arrependimento de determinadas escolhas profissionais, os anseios, a ambivalência das expectativas e a “carga emocional” envolvida em sua relação com o trabalho, assim como os limites de eficácia da nova

lógica moral do capitalismo, Mossi parece nos mostrar mais do que somente a “dimensão moral do trabalho” e a capacidade crítica dos agentes, como indicado em seu texto.

E prolongando a influência da sociologia pragmática francesa (incluindo Lemieux), a segunda edição dos Cadernos do Sociófilo, dedicada à ‘nanosociologia’, se encerra com o artigo de Diogo Corrêa “A construção de um problema público: o caso CEG e a edificação de um coletivo.” Argumentando sobre os limites do que vem sendo chamado de “sociologia crítica” pelos pragmatistas franceses em dar conta da coordenação política, a qual não é redutível à simples referência aos parâmetros sociológicos tradicionais (profissão, renda, escolaridade, etc.), e seguindo sua concepção de levar “as competências morais dos atores a sério” (para além de uma “consciência mistificada” objetivável apenas pelo sociólogo) Corrêa estuda empiricamente o percurso de mobilização coletiva de um “grupo circunstancial” composto principalmente de parentes de vítimas fatais de equipamentos de gás de responsabilidade da Companhia de gás Estadual – então sob administração da iniciativa privada. Seu foco são as formas de dessingularização das séries de denúncias inicialmente isoladas, sua gradual generalização e elevação ao *status* de problema público, legítimo de ser debatido na esfera pública na medida em que transcende as denúncias pessoalizadas ou baseadas nos interesses exclusivamente individuais dos agentes envolvidos. A descrição de como este grupo circunstancial catalisa suas forças por meio da associação a forças já instituídas (Comissão de Direitos Humanos da ALERJ, ONG Viva Rio), pelos imperativos de transformação dos sofrimentos individuais dispersos em questão pública concernindo a todos enquanto cidadãos (despessoalizados), da elevação do sentimento de perda associado à vingança em reivindicação por justiça, é perspicaz o bastante para revelar, simultaneamente, como esta ascensão da disputa entre os atores envolvidos aos imperativos de justificação de uma ordem moral reconhe-

Cadernos do Sociofilo

cida não exaure, neste movimento mesmo, a particularidade dos sofrimentos em jogo, os quais persistem malgrado os eventuais sucessos da mobilização. Aliás, é este estado particularizado, encarnado do sofrimento (neste caso a perda de parentes, como um filho, por vazamento de gás de equipamentos de responsabilidade da empresa) também um grande responsável pela adesão a causa de pessoas não diretamente envolvidas. O senso de justiça pressupõe a empatia.

Enfim, estas cinco contribuições ‘nanosociológicas’ - em graus variados - que compõem a revista ilustram, primeiramente, como é possível à sociologia iluminar experiências finas dos agentes sociais (a co-imersão existencial esportiva ou os efeitos da experiência estética), mas também utilizar as ferramentas da microsociologia para abordar problemas ‘macro’ (e.g. as crises ou os imperativos de legitimação do capitalismo, a coordenação ou a própria construção do fenômeno político) justamente pela não adesão dogmática a tal ou qual lente conceitual e sua acrítica confusão entre a) o nível de análise selecionado pelo sociólogo e b) o princípio explicativo unívoco da vida social (segundo a lógica implícita de que, se priorizo *conceitualmente* uma dimensão determinada da realidade, ela passa a ser, como consequência, a estruturante *objetiva* desta realidade). Assim, já devidamente apresentadas, passemos a elas.